

bilidade pelo espaço ecológico, a dignificação de todo e qualquer catarinense, se entrelaçam nas múltiplas relações sociais.

## O trabalho tem implicações para além dos indivíduos e de suas famílias

Ao participar da construção da sociedade catarinense — que consiga eliminar a situação catarina de tantos — sobretudo os cristãos que viverão esta “Campanha da Fraternidade/1991”, não poderão deixar de perceber que o trabalho tem implicações para além dos indivíduos e de suas famílias. Todo trabalho tem incidências ético-morais e elas devem ser vistas no conjunto da vida social e ambiental. O trabalho contemporâneo, e também o do futuro, tem um compromisso com nossos filhos e com os filhos dos nossos filhos sucessivamente. O egoísmo contemporâneo — mesmo na luta pela sobrevivência presente — não dispensa o julgamento frente ao compromisso com o futuro, e portanto a responsabilidade ética diante da sociedade, do espaço vital e da natureza toda.

Intelectuais, profissionais liberais e religiosos têm também sua parcela de compromisso ao lado de operários, agricultores e outros trabalhadores terciários. O progresso de alguns não pode ser construído em detrimento de outros e nem do tempo futuro. Nossos filhos — sejam eles caboclos, índios, mineiros, pescadores ou outros mais — ao dirigirem a sociedade catarinense do amanhã, dirão se nossa geração foi suficientemente grande e de visão larga, ou mesquinha, com mentalidade egoísta, à medida que o espaço ambiental, sociocultural e trabalhista que lhes legamos, refletir nosso compromisso com a vida deles também.

### III. Tornando-se divino, sendo sempre humano

Com o trabalho, o homem se responsabiliza pelo espaço em que vive, pela causa, comunidade, sociedade inteira e o próprio planeta. A superação da pobreza — e, sobretudo, da miséria — tendo em vista a solidariedade com o outro e com a natureza e a realização de todo homem, é um empenho ético que está em relação direta com o trabalho. Superar as formas atuais que o trabalho impinge aos povos empobrecidos, e a mentalidade de que o trabalho é apenas ocasião de sobrevivência pesada, e substituir perspectivas discriminatórias frente aos irmãos e predatórias frente à natureza, é empenho profundamente cristão, mesmo naquele que não se filia à instituição religiosa.

## O trabalho solidário de cultivar o “jardim” do mundo

Só o cristão tem a certeza — e portanto o compromisso missionário de levar os outros a crerem assim também — de que o homem é amado por Deus desde toda a eternidade e para toda a eternidade. Ele sabe que o homem é a imagem de Deus, a quem vai se assemelhando sempre mais. Uma das provas radicais desse fato é o trabalho solidário de cultivar o “jardim” do mundo. Pelo trabalho o homem vai participando da Vida unitrinária, ao levar a si próprio, os seus e o universo todo à plenificação

em Cristo. Criado à imagem de Deus, em Cristo, o homem cristão já se vê envolvido pelo futuro, tendo os olhos no presente. Através do trabalho, suas mãos nas mãos de Cristo criam a ponte entre os outros homens e Deus. E em Jesus encarnado/ressuscitado todo homem ressuscitado estará vestido pelo trabalho humano. A natureza toda participará desta ressurreição, pois que integrada pelo “cultivo” laborial humano assumirá seu frescor inicial, tornando-se o jardim de Deus e do homem definitivamente.

Deus não vai criar outro espaço social para que os homens aprendam a viver de modo justo dentro da história; nem criará outro universo que não incorra no perigo da autodestruição por causa da ação humana. Deste modo, a luta pela justiça social, pela democracia econômica, a estratégia política do trabalho e a responsabilidade ética pelo meio ambiente (ecossistema) se interpenetram; e isto se faz de modo mais intenso entre os pobres e empobrecidos.

Povos industrializados conseguiram um nível de desenvolvimento econômico e social maior, mas às custas da degradação do ambiente. Não é justo que os países pobres repitam — para alcançar o desenvolvimento — os mesmos erros, sobretudo ecológicos e sociais, que aqueles fizeram. Mas também é imoral que

## Os povos pobres têm o direito e dever de buscar um desenvolvimento fundado na solidariedade universal

aqueles continuem pressionando os povos pobres, impedindo-lhes crescerem, sem pagar o preço justo pela causa comum. Os povos pobres têm o direito e dever de buscar um desenvolvimento fundado na solidariedade universal, que supere o mero progresso industrial ou mero desenvolvimento econômico, sob pena de manter humanamente pobre a comunidade dos homens e de acentuar os riscos do planeta comum. O desenvolvimento harmônico da economia, sociedade e política, é uma possibilidade à medida que se busca a autonomia solidária de todos, onde o trabalho é um fator fundamental.

A realização pessoal, comunitária e social do homem significa a efetivação da utopia cristã já nesta terra. Se tal acontecesse, nós anteciparíamos o céu. A limitação própria do homem, contudo, impele-o a continuar lutando como se isto fosse possível de ser efetivado.

Os cristãos têm a certeza de que este sonho de plenitude humana se concretizará um dia de modo total. Enquanto isto não acontece, eles se vêem compelidos a missionar entre seus irmãos evidenciando-lhes que isto é possível, senão agora de modo completo, ao menos de forma simbólica e provisoriamente antecipada. Tal certeza eles têm ao verem Jesus, o Cristo de Nazaré, em quem o Pai condensou toda sua esperança e seu amor. Neste Jesus, o Verbo Eterno, Deus vê e ama todos os homens, a quem quer assemelhados a si, pois todos eles trazem a imagem sua e foram feitos para participar da vida de Deus, embora permanecendo homens.

endereço do autor:  
Caixa Postal 20  
88500 — LAGES, SC

# O TRABALHO DE DEUS E O NOSSO TRABALHO

## Reflexões a partir de Jo 5,17 e 9,4

*In memoriam* de Dom Wilson Laus Schmidt (+ 8.5.1982)

Pe. Ney Brasil Pereira Professor de Exegese

Abordando teologicamente o tema do trabalho, entre tantos textos que a Bíblia nos oferece, ocorreram-me espontaneamente as duas passagens do evangelho segundo João, mencionadas acima: Jo 5,17 — “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” — e Jo 9,4 — “Enquanto é dia, temos de trabalhar nas obras daquele que me enviou”. . . E, abordando essas passagens, desejaria fazê-lo em memória de um grande trabalhador nas obras de Deus em nosso Estado, Dom WILSON LAUS SCHMIDT, um padre cuja ânsia de trabalhar pelo Reino foi por ele expressa no seu lema episcopal, ao ser eleito e sagrado Bispo em 1957:

## Quanto a mim, eu devo trabalhar

*Me oportet operári*”, citando a afirmação essencial de Jo 9,4 de acordo com o texto latino de praxe: “*Quanto a mim, eu devo trabalhar*”. Ao aceitar a eleição para o Episcopado, já estava ele sofrendo as conseqüências de um acidente grave, cujos efeitos foram minando-lhe sempre mais a saúde. Apesar de tudo, após alguns anos como Bispo-Auxiliar do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, no Rio de Janeiro, aceitou a nomeação para Bispo Diocesano de Chapecó, em nosso Estado, até que o agravamento do seu estado de saúde o forçou a renunciar ao pastoreio daquela diocese, em 1968. Após alguns anos em Joinville, como hóspede de Dom Gregório, transferiu-se para Florianópolis, aliás sua cidade natal, onde passou a residir com Dom Afonso, sempre dispondo-se aos serviços que a frágil saúde lhe permitia, apesar das mais de 20! (vinte) intervenções cirúrgicas a que foi submetido. Estranhos caminhos da Providência: um homem disposto a trabalhar, querendo trabalhar — nos últimos anos assumiu, entre outros serviços, a animação da Escola Diacônica da Arquidiocese — as limitações físicas foram cerceando-lhe sempre mais a atividade até que o falecimento, a 8 de maio de 1982, levou-o à presença do Senhor, que deve tê-lo acolhido como ao servo da parábola: “Vem, servo bom e fiel, entra na alegria — no repouso! — do teu Senhor!” (Mt 25,21)

Mas abordemos os textos mencionados, para depois tirarmos algumas conclusões.

### I. “Trabalho” e “trabalhar” em João

Creio que vale a pena, sem pretendermos ser exaustivos, passar antes em revista o conjunto dos textos joaninos que se referem ao nosso tema. Quanto ao vocabulário, os dois termos fundamentais, no texto grego original, são *érgon* — obra, trabalho, e *ergázomai* — trabalhar; mas encontramos também os verbos *poiéo* — fazer, e *teleiéo* — consumir, completar, arrematar.

Assim, no cap. 3, no diálogo com Nicodemos, os vv. 19-21 contrapõem as *obras más* dos que preferem as trevas à luz, que odeiam a luz para que suas obras não sejam denunciadas, às *obras feitas em Deus* (lit. trabalhadas em Deus, isto é, realizadas em união com Deus) daqueles que praticam a verdade e se aproximam da luz.

No cap. 4, após o diálogo com a Samaritana, durante o qual Jesus lhe oferecera uma água melhor que a do poço de Jacó, vêm os discípulos trazer o almoço para o Mestre. É o momento em que Jesus aproveita para falar também de uma comida melhor: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e *consumar* a sua obra” (Jo 4,34). Temos aí o verbo “consumar”, arrematar, gr. *teleiéo*, que voltará em 5,36, além de na “oração da

## Realizar o desígnio do Pai trabalhando em prol do homem

Hora”, no c. 17,4, e voltará também na Cruz, no c. 19,28, quando o evangelista aludirá à consumação da Escritura, isto é, do desígnio/vontade do Pai, desígnio que consiste em dar ao homem

a vida em plenitude (Cf. 6,38-40, referente ao desígnio do Pai, e 10,10, sobre a missão do Filho). O alimento de Jesus, portanto, “consiste em realizar o desígnio do Pai *trabalhando* em prol do homem, desígnio atraído por aqueles que, absolutizando a Lei, irão opor-se cada vez mais a Jesus”<sup>(1)</sup> (Cf. cc.5-12, onde não encontramos mais “diálogos”, mas praticamente só controvérsias, entre Jesus e seus adversários).

No cap. 5, logo após a cura do paralítico na piscina de Betesda, estoura a oposição dos “judeus” contra Jesus, “porque fazia tais coisas no sábado” (5, 16). Aí é que se situa a resposta de Jesus, que iremos analisar mais a fundo adiante: “Meu Pai *trabalha sempre*, e eu também trabalho”. Segue o longo discurso sobre a obra/trabalho do Filho (5,19-47), que “faz igualmente tudo aquilo que faz o Pai” (Cf. 5,19b). Em 5,36 Jesus se refere ao “testemunho maior que o de João Batista”: “as obras que o Pai me encarregou de consumir/arrematar, gr. *teleiéo*, estas obras que estou fazendo, gr. *poiéo*, elas dão testemunho de que o Pai me enviou”.

No cap. 6, logo após a multiplicação dos pães e a travessia do lago, ao iniciar o “discurso do Pão da vida”, Jesus faz uma advertência à multidão entusiasmada com o milagre: “*Trabalhai* — é preciso trabalhar, é preciso adquirir o alimento! — mas não só o alimento que acaba, e sim o que dura sem acabar. . .” (6,27). Então lhe fazem uma pergunta, acostumados que estão com as prescrições da Lei que os mestres da Lei esmiúçam sempre mais: “Que *obras* temos de fazer, para *trabalhar* no que Deus quer?” (6,28) — Comentam J. MATEOS — J. BARRETO: “Não conhecem o amor gratuito, crêem que Deus estabelece preço

## Deus não impõe novos preceitos e observâncias, mas exige um trabalho só

para seus dons”<sup>(2)</sup>. E Jesus responde, esclarecendo que Deus não impõe novos preceitos e observâncias, mas exige um trabalho só, a adesão a Jesus pela fé: “Este é o *trabalho* — *érgon*, obra/trabalho — que Deus quer: que acrediteis naquele que Ele enviou” (6,29). Isto é, assim como o trabalho quotidiano garante — devia garantir! — o pão quotidiano, assim a fé, a adesão a Jesus, garante o pão que permanece e a vida definitiva.

No cap. 7, os “irmãos” de Jesus, que nele não criam, incitam-no malevolamente a que se dirija para a Judéia e se exponha, realizando suas *obras* ostensivamente, a fim de convencer seus discípulos (7,3-5), numa sugestão semelhante às do Tentador em Mt 4 e Lc4. Em 7,21, num texto talvez deslocado do c.5, Jesus alude à cura do paralítico como a uma *obra* que está desconcertando seus adversários, porque ousou realizá-la passando por cima do sagrado preceito do sábado. . .

No cap. 8, no fogo cruzado da controvérsia acesa com a proposta de libertação oferecida a quem não tinha consciência de estar escravizado — libertação pela Verdade (8,31-32) — Jesus contrapõe a seus adversários as *obras* de Abraão, que eles não estão praticando, às obras do verdadeiro “pai” deles, o Diabo, “homicida desde o princípio”, “mentiroso e pai da mentira”. . . (Cf. 8,39-44).

No cap. 9, imediatamente antes da cura do cego de nascença, temos a segunda afirmação de Jesus que receberá um exame mais detalhado abaixo: “Enquanto é dia, *temos de trabalhar* nas obras daquele que me enviou. Vem a noite, quando ninguém mais pode trabalhar. . .” (9,4) Aliás, no v. anterior, ao comentar a situação do cego, Jesus nega que seja “castigo”, e afirma que “assim se manifestarão nele as *obras* de Deus” (9,3), essas obras que Jesus e os seus “devem” realizar enquanto é dia!

No cap. 10, ainda em clima de controvérsia, diante dos “judeus” que o provocam a dizer abertamente se ele é o Cristo,

Jesus reivindica, a seu favor, o testemunho das *obras* que ele vem fazendo em nome do Pai" (10,25). E mais adiante, nos vv.37-38: "Se não faço as obras de meu pai, não acrediteis em mim, mas se eu as faço, mesmo que não acrediteis em mim (isto é, nas minhas palavras), *credes nas obras!*" Isto é, em Jesus, Palavra feita Carne (Jo 1,14), há coincidência e equivalência entre o que ele diz e o que ele faz. E o que ele faz, é "aquilo que ele vê o Pai fazer". . . "pois o Pai ama o Filho, e lhe revela tudo o que faz; e lhe manifestará obras maiores ainda, para que vos admireis" (5,19-20) "e para que conheçais que o Pai está em mim e eu no Pai" (10,38b).

No cap. 14, vv.10-11, agora em clima de diálogo com seus discípulos, na despedida, Jesus reafirma que as *obras* que vem fazendo, assim como suas palavras, não são dele, mas do Pai.

## A obra de Jesus foi apenas começo, e o futuro reserva trabalho mais intenso

E insiste: "Crede-o, ao menos por causa das obras!" (v.11b). Assim comentam J. MATEOS — J. BARRETO: "Se as obras de Jesus são feitas só e exclusivamente em favor do homem, é evidente que está identificado com o Pai" (como acaba de dizer a Felipe: "Quem me vê, vê o Pai!" 14,9). "Suas exigências, portanto, que correspondem às suas obras, são as exigências do Pai, para o bem do homem. A morte de Jesus, sua entrega a fim de dar a vida ao homem, demonstrará sua total identificação com o Pai, doador da vida" (3). Mas Jesus continua, no v.12, abrindo os horizontes para seus discípulos e anunciando-lhes que, se crerem nele, *farão as obras que ele faz, e até maiores!* Isto é, e novamente cito J. MATEOS — J. BARRETO: "A obra de Jesus foi apenas começo, e o futuro reserva trabalho mais intenso. Ele não se propõe como modelo inatingível, como o único capaz de fazer essas obras. O discípulo poderá fazer o mesmo e ainda mais, o que confirma que os sinais/obras feitos por Jesus não são irrepetíveis por serem extraordinários, mas o seu caráter principal está em serem símbolos da atividade que liberta o homem ofertando-lhe a vida. . . A libertação há de seguir avante. A presença e a atividade de Jesus no mundo significa uma reviravolta na história. . . cabe aos discípulos continuar a direção impressa por ele" (4). No entanto, é ele mesmo que continuará agindo nos seus discípulos e através deles: "O que pedirdes ao Pai em meu nome, *eu o farei. . .*", afirmação que voltará antiteticamente na alegoria da Videira, no c. 15,5: "Sem mim, nada podeis fazer!"

No cap. 15, que inicia com a alegoria da Videira, cujo cultivador/lavrador/agricultor (gr. *georgós*) é o Pai, e na qual Jesus fala coerentemente de *frutos*, mais que de obras (15,1-17), no entanto, na perícope em que se focaliza o "ódio do mundo", novamente aparecem as obras: "Se eu não tivesse feito entre eles *as obras* que nenhum outro fez, não teriam pecado. Mas

viram, e assim mesmo nos odeiam, a mim e ao Pai" (15,24): novo testemunho de que as obras do Filho são as do Pai e vice-versa. Porque, entretanto, esse "ódio", não só contra Jesus, mas também contra o Pai? Respondem J. MATEOS — J. BARRETO: "Descobrimo o ser do verdadeiro Deus, detestam-no, porque não apóia nem legítima o seu poder e a sua injustiça. Com o uso que faziam da lei, tinham conseguido fazer esquecer os traços mais proeminentes de Deus no AT, transformando em fim o que não passava de meio, a Escritura e Moisés (Cf. 5,39.46).

Ao se manifestar Deus plenamente em Jesus, desfazendo todos os seus sofismas e denunciando o seu sistema opressor, em vez

## Quem não está em favor do homem, não pode aceitar o verdadeiro Deus

de reconhecê-lo, rebelam-se. Quem não está em favor do homem, não pode aceitar o verdadeiro Deus. A injustiça leva a odiar o Pai, cuja presença em Jesus é denúncia sem atenuação" (5).

No cap. 17, o "Pai-nosso" joanino, também chamado oração "sacerdotal" ou oração "da Hora", temos a convicta referência de Jesus à sua missão recebida — missão realizada: "Pai, eu te glorifiquei sobre a terra, *concluindo a obra/trabalho* que me incumbiste de realizar" (17,4). Isto é, numa inclusão com o anúncio feito em 4,34 ("Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e *consumar* a sua obra"), Jesus, na iminência da entrega de sua vida, arremata a obra do Pai, inconclusa no Gênesis: "a manifestação do seu amor até o extremo consuma nele próprio a obra criadora e inaugura o mundo novo e definitivo" (6). É o que João tem o cuidado de anotar, comentando os últimos momentos do Crucificado: "Depois disso (isto é, depois da entrega do Discípulo à Mãe e desta ao Discípulo: 19,26-27), consciente Jesus de que tudo já ia sendo terminado, para que se *consumasse* a Escritura, disse: "Tenho sedel", repetindo, em situação de maior necessidade ainda, o pedido outrora feito à Samaritana, em 4,7. Agora, o pedido humilde é respondido com o "vaso cheio de vinagre", símbolo do ódio. Tendo tomado o vinagre, Jesus pode enfim dizer: "Está terminado" (19,30a), momento também em que, "inclinando a cabeça, ele entrega o Espírito" (19,30b), inaugurando assim o mundo novo.

### II. Meu Pai continua trabalhando, e eu também trabalho (5,17)

#### Enquanto é dia, temos de trabalhar (9,4)

Tendo visto o conjunto dos textos joaninos que abordam o nosso tema, podemos agora deter-nos nestes dois vv. que deram origem à nossa reflexão. O primeiro, 5,17, no início da controvérsia levantada porque Jesus, tendo curado o paralítico de Betesda, mandara-o "levantar-se, tomar o seu leito e caminhar", em dia de sábado! Infringira, portanto, a Lei, segundo os doutores da Lei, que se apoiavam, além de no preceito sabático do Decálogo, também em textos como Ex 34,21, Jr 17,21-22 e a longa passagem de Ne 13, 15-22, em que Neemias recorda as medidas por ele tomadas para a observação estrita do "shabbat", na comunidade pós-exílica (7). O fato é que, reproduzindo talvez também controvérsias em curso nas comunidades primitivas, não só nas de João mas também nas dos Sinóticos, a posição clara de Jesus contra a idolização ou absolutização dessa Lei é lapidarmente expressa pelo axioma recordado em Mc 2,27: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado", axioma complementado cristologicamente no v. seguinte, Mc 2,28, que se encontra também em Mt e em Lc: "O Filho do Homem é Senhor também do sábado!" (Mt 12,8 e Lc 6,5).

Notar que a argumentação de Jesus, nos Sinóticos, é mais antropológica, p. ex. em Mt 12,1-8, quando ele argumenta a partir do que Davi fez, quando teve fome, e do que os sacerdotes fazem no Templo, aos sábados, apesar do preceito sabático, e arremata com Oséias: "Se soubésseis o que significa '*Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios*' (Os 6,6), não condenaríeis inocentes!" Aqui em João, sua argumentação é teológica, isto é, Jesus justifica a sua infração à lei sabática não com argumentos da história ou da experiência quotidiana, mas com o próprio agir do Pai: "Meu Pai trabalha sempre (continua trabalhando, lit. "até agora"), e por isso eu também trabalho". Isto é, ele

interpreta o seu ministério, especialmente a sua atividade em favor da vida e da liberdade, agora concretamente nesse inválido a quem restituíra a possibilidade de andar com as próprias pernas e a quem dissera: "Levanta-te, toma o teu leito, e caminha!"

## Trabalho à imitação e em continuação do trabalho do Pai, que vivifica e liberta suas criaturas

(5,8), interpreta-o como verdadeiro trabalho, trabalho à imitação e em continuação do trabalho do Pai, que vivifica e liberta suas criaturas, trabalho portanto que santifica o sábado em vez de profaná-lo<sup>(8)</sup>.

Acaso os judeus duvidavam dessa atividade divina? De fato, como resume a questão a BJ, "ao pensamento judaico repugnava conciliar o 'repouso' de Deus após a criação, repouso do qual o sábado é a imagem (Gn 2,2-3), com a sua constante atividade no governo do mundo. Distinguiu-se, pois, a atividade de Criador, que havia cessado, e a atividade de Juiz (hebr. *shofet*, governador), na sua providência, que jamais cessa". O que provoca a indignação dos judeus é a reivindicação de Jesus, que identifica a própria atividade com a do Pai, igualando-se assim a Ele no privilégio de poder trabalhar também no sábado, o que evidentemente escapa ao raciocínio daqueles "mestres da Lei", incapazes de, na sua cegueira, deixarem-se iluminar pela Luz! E assim, na sua obstinação, não conseguiam entender "o que o sábado é realmente, isto é, um dia no qual não convém que a salvação esteja inoperante", como observa o "Evangelho da Verdade", um tratado gnóstico do século II<sup>(9)</sup>. Mais. Não conseguimos atinar também que estavam ali diante da Palavra do Pai, ativa com Ele na criação (Cf. Sl 33,6: "Pela Palavra do Senhor foram feitos os céus..."), ativa portanto com Ele também na história, dia por dia, também no sábado!<sup>(10)</sup>

Concluamos esta análise com o comentário de J. MATEOS — J. BARRETO: "Era doutrina corrente no judaísmo que Deus — apesar do que está escrito em Gn 2,2-3 — não podia ter interrompido de todo a sua atividade no sétimo dia, pois sua atividade funda a de todo ser criado. Jesus amplia essa concepção: o Pai não conhece sábado, não parou de trabalhar, porque, enquanto o homem estiver oprimido e privado de liberdade, ou seja, enquanto não tiver plenitude de vida, não está realizado o Seu projeto criador. Ele continua comunicando vida ao homem,

## Jesus, por seu lado, age como o Pai, não reconhece leis que limitem sua atividade em favor do homem. . .

o seu amor leal está sempre ativo. Jesus, por seu lado, age como o Pai, não reconhece leis que limitem sua atividade em favor do homem. . . Assim, Jesus declara que uma doutrina religiosa que prescinde do bem do homem não provém de Deus, e tampouco dele não provém as obrigações que ela impõe." <sup>(11)</sup>

O segundo texto, do c.9,4, situa-se em clima de diálogo com os discípulos, ao responder-lhes Jesus à pergunta crucial sobre o cego de nascença: "Porque ele nasceu assim? Ele, ou seus pais pecaram?" E a resposta do Jesus não se volta ao passado, ao porquê, mas focaliza o presente e o futuro, o para quê: "É para que se manifestem nele as obras de Deus". É claro que poderíamos levar o interrogatório adiante: Porque é que "as obras

de Deus" devem manifestar-se às custas de um cego de nascença? Mas Jesus não nos acompanha em nossa curiosidade, talvez justificada, e prossegue, no nosso v.4: "Enquanto é dia, temos de trabalhar nas obras (lit. as obras) daquele que me enviou (isto é, nas "obras de Deus"). Vem a noite, quando ninguém pode trabalhar."

## Uma das grandes declarações joaninas sobre qual deve ser a nossa atitude no serviço cristão

A crítica textual aponta algumas dificuldades no texto. Alguns mss harmonizam. "Tenho de trabalhar (assim o texto latino de Vulgata: "Me oportet operári, do qual falamos no início, ao recordarmos o lema episcopal de Dom Wilson) nas obras daquele que me enviou" ou, no plural: "Temos de trabalhar nas obras daquele que nos enviou, o que absolutamente não combina com a teologia joanina, na qual o enviado por excelência é Jesus, o qual constantemente se refere ao Pai como "aquele que me enviou". Surpreende o plural "temos de trabalhar", mas é atestado pela maioria dos mss, e tem a seu favor o princípio da crítica textual "léctio difficilior": os copistas teriam mais provavelmente alterado *hemás* para *emé* ("nós" para "eu") do que vice-versa<sup>(12)</sup>.

Considerando, pois, o texto assim como está — "Enquanto é dia, temos de trabalhar nas obras daquele que me enviou" — defrontamo-nos aí com "uma das grandes declarações joaninas sobre qual deve ser a nossa atitude no serviço cristão: a vida se transforma numa missão para cada ser humano" <sup>(13)</sup>, chamado a incorporar-se à tarefa urgente assumida por Jesus, "enquanto é dia", incorporação explicitada pelas palavras do c. 20,21: "Como o Pai me enviou, eu vos envio. . .", isto é. Aquele que me enviou, o Pai, em cujas obras eu devo trabalhar, envia-vos também, por meu intermédio. Por isso, "enquanto é dia, temos de trabalhar!" Notar que esse "temos de", em gr. *dei*, expressa o "é necessário" da disposição divina, tantas vezes recordado na Bíblia, só no NT mais de cem vezes <sup>(14)</sup>, e é também o "é necessário" que responde às necessidades e padecimentos dos homens, não obstante a animosidade e as perseguições que se deverão enfrentar, como Jesus as enfrentou. Aliás, a mesma urgência é expressa antiteticamente na segunda parte do versículo: "vem a noite, em que ninguém pode trabalhar" (9,4b). A "noite" que chega, para Jesus, é sua Paixão já próxima (Cf. Jo 13,30); para cada um de nós, é a morte, a brevidade da vida, um impedimento externo, a marcha da história <sup>(15)</sup>. A vida, por conseguinte, é uma missão intensa, que deve ser vivida instante por instante na graça de Deus, muito a sério, não como se tivéssemos de ficar para sempre, mas como comissionados a uma tarefa urgente, "enquanto é dia"!

Mas qual é essa obra urgente a fazer? Como no caso do paraplético do c.5, a quem Jesus, mesmo em dia de sábado, entendeu ser urgente *libertar* da paralisia e do imobilismo, restituindo-lhe a capacidade de andar pelas próprias pernas, aqui também,

## As obras que Deus realiza consistem em libertar o homem e restituir-lhe a capacidade de agir

com o cego de nascença, novamente apesar de ser um sábado (Cf. v. 14), Jesus entende ser urgente abrir-lhe os olhos à luz do dia (no fim, será também à luz da fé, vv. 35-38), mesmo sem que ele tenha pedido. Em ambos os casos, pois, "as obras

que Deus realiza" através de Jesus — e às quais os discípulos são convocados! — consistem em libertar o homem e restituir-lhe a capacidade de agir. "O plural *nós* abrange a futura atividade dos seus, que terá de seguir a mesma linha de libertação. Opõem-se ao *nós* do v.40, contrapondo a comunidade dos discípulos doadores de luz ao grupo dos dirigentes cegos, que se obstinam em não enxergar e implicam com quem abre os olhos dos cegos" (16).

"Em 6,28 o povo perguntara a Jesus quais eram as obras que Deus queria que realizassem. Ele lhes advertiu que Deus exige uma única obra: a fé, isto é, a adesão a seu Enviado (6,29). Agora, os discípulos que lhe dão adesão vêm diante de si o horizonte de trabalho: levar a termo as obras daquele que O enviou (aqui, 9,4). A obra primordial, a adesão a Jesus, traduz-se em obras a favor do homem" (17).

### Conclusão

Do conjunto dos textos de João que abordam o nosso tema, e especialmente destas duas passagens examinadas mais em detalhe (5,17 e 9,4), as conclusões já foram surgindo espontaneamente. Creio que ficou clara a noção de "trabalho" que Jesus assume, e que ele praticamente identifica com a sua missão. E esse trabalho/missão de Jesus, que se identifica com o trabalho/projeto do Pai (18), torna-se também o nosso trabalho e nossa missão.

Mas onde fica aí o trabalho do operário, do agricultor, do pescador, do mineiro, do lenhador, etc.? Onde ficam as múltiplas formas do trabalho da cidade? Onde ficam aqueles que, num versículo extraordinário do Sirácida (Sir 39,34)(19) são qualificados

## Não existem riquezas verdadeiras exceto no labor do homem

como os que "sustentam a criação deste mundo"? Onde fica o "labor humano", do qual diz SHELLEY, P.B.: "Não existem riquezas verdadeiras exceto no labor do homem. Se as montanhas fossem de ouro e os vales de prata, o mundo nem por isso ficaria rico em um único grão de trigo; nenhum conforto seria adicionado à raça humana"(20)?

De fato, em Jo 6,27, como já vimos acima, Jesus refere-se a esse "labor humano", que também é preciso realizar, em vista do "alimento que perece"; mas aponta logo para um trabalho de outra ordem, o trabalho que produz o alimento "que dura para sempre". . . É o que percebemos também na tradição lucana, no significativo episódio que contrapõe Marta e Maria, quando Jesus fala da "única coisa necessária" e da "parte melhor" que Maria escolheu. . . (Lc 10,38-42). E temos ainda a "Quelle", em Mt 6,25-33 e Lc 12,22-31(21), transmitindo-nos a posição de Jesus quanto às preocupações quotidianas com o comer e o vestir: "Não vos preocupeis. . . procurai primeiro o Reino (Mt acrescenta "e a sua justiça") e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Lc 12,31). Isto é, Jesus, ele próprio tendo sido operário, artesão (gr. *tékton*, Mc 6,3), ele próprio defendendo o direito do operário a seu salário (Lc 10,7, cit. na 1Tm 5,18); ele mesmo, numa de suas parábolas, defendendo o direito ao trabalho e ao salário até dos desempregados, os operários da "undécima hora" (Mt 20,1-16), no entanto alerta-nos, repito, para uma dimensão transcendente da atividade humana, toda ela devendo convergir para o Reino de Deus, dom do Pai e tarefa dos homens!

Paulo, o infatigável trabalhador do Evangelho, que diz de si mesmo e de sua atividade apostólica: "afadiguei-me (gr. *ekopiasa*) mais que todos eles" (1Cor 15,10), e que se ufava de renunciar ao direito do salário que lhe conferia o ministério, provendo ele mesmo ao próprio sustento e ao de seus companheiros "com o trabalho de suas mãos" (Cf. At 20,34; 1Cor 4,12; e, mais longa-

mente, com profusão de argumentos, na extraordinária passagem de 1Cor 9,1-18), é severo para com os preguiçosos da comunidade de Tessalônica, aos quais manda o famoso recado: "Quem não quer trabalhar, também não há de comer" (2Ts 3,10b). E continua: "Alguns dentre vós levam a vida à toa, muito atarefados em nada fazer. A tais pessoas ordenamos e exortamos, no Senhor Jesus, que trabalhem com calma, para poderem comer seu próprio pão" (2Ts 3,11-12). Finalmente, entre tantos textos paulinos que poderíamos aduzir, gostaria só de recordar a recomendação que está na carta aos colossenses: "É preciso *redimir* o tempo, procedendo não como tolos mas como sábios", escreve o apóstolo em Ef 5,16, "porque os dias são maus". Da mesma forma, em Cl 4,5: "É preciso proceder com sabedoria para com os de fora, *redimindo* o tempo". Impressiona-me essa "reflexão", isto é, essa *compra*, não compra qualquer, mas qualificada, do tempo, do tempo oportuno (gr. *eksagorazomenoi tôn kairón*), que nos faz lembrar o pragmático adágio inglês "time is money — tempo é dinheiro", superando-o porém: mais que dinheiro,

## O Tempo, este tempo da nossa vida, é a oportunidade única que temos para trabalhar

o tempo, este tempo da nossa vida, é a oportunidade única que temos para *trabalhar*, para realizar as *obras de Deus*, "aquelas boas obras que Deus preparou de antemão para que nelas andássemos" (Ef 2,10), as obras de Deus "que consistem em libertar o homem e restituir-lhe a capacidade de agir" (Cf. supra). . . Única conclusão possível, clara e evidente, de tudo o que foi exposto: "Enquanto é dia, temos de trabalhar!"

### NOTAS

(1) Cf. J. MATEOS — J. BARRETO, "O Evangelho de São João", *análise linguística e comentário exegetico*, col. "Grande Comentário Bíblico", Ed. Paulinas (trad.), SP, 1989, pp. 222-223. — Quanto a esta obra, publicada originalmente na Espanha em 1982, conheço uma severa recessão que dela fez BROWN, R. R., in "Bíblica", a revista do Pontif. Instituto Bíblico, creio que em 1984, questionando de modo geral toda a interpretação e as interpretações dos autores, acusando-os de fantasia etc.; há também uma desfavorável apreciação de BETTENCOURT, E., in "Pergunte e Responderemos" n. 338 (julho de 1990), pp. 335-336, acusando os autores de subjetivismo e de abordarem o texto joanino com os pressupostos de BULTMANN. Quanto a mim, mesmo levando em conta essas reservas, parece-me que as amostras do trabalho que apresento neste artigo justificam o seu aproveitamento. Creio que é um comentário que, embora elaborado no "primeiro mundo", capta o espírito joanino em consonância com os anseios de libertação que o Espírito nos inspira aqui no "terceiro mundo", na AL.

(2) *Ibid.*, pp. 304-306; aqui, p. 305.

(3) *Ibid.*, p. 603.

(4) *Ibid.*, pp. 604-605.

(5) *Ibid.*, p. 642.

(6) *Ibid.*, p. 680.

(7) Os comentários acerca desses preceitos bíblicos e outros semelhantes, na Mishná, aliam 39 (trinta e nove) tipos de obras que eram proibidos em dia de sábado: Cf. STRACK-BILLERBECK, II, 461, cit. por CHAMPLIN, R. N., "O Novo Testamento interpretado versículo por versículo", Distrib. Milenium, SP, 1982 (3ª impressão), vol. II, p. 342.

(8) SCHNACKENBURG, R., in "El Evangelio según S. Juan", tomo II, Edit. Herder, Barcelona (trad.), 1980, p. 138, observa argumentamente: "O caráter soberano de Jesus, que lhe permite colocar-se acima dos estatutos humanos, é Jesus, tanto nos Sinóticos como em João; mas para João trata-se da soberania do Filho, que tem o direito de trabalhar — e trabalha — da mesma forma que o Pai e em estreita comunhão com Ele".

(9) Cit. em BROWN, R. E., "The Gospel of John I — XII", col. "The Anchor Bible", Doubleday, N. York, 1966, p. 217.

(10) Cf. S. TOMÁS DE AQUINO, "Super Evangelium Sti. Johannis Lectura", Marietti, Turim, 1952, p. 138, n. 740.

(11) J. MATEOS—J. BARRETO, op. cit., p. 261

(12) Cf. CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 425. BROWN, R. E. Op. cit., p. 372, observa que BULTMANN considera original o singular, sugerindo que o "nós" teria sido introduzido pela comunidade cristã. Mas o mesmo acontece em várias outras passagens, como já em 4,35-38, em que Jesus associa os discípulos à sua obra.

(13) Ainda CHAMPLIN, R. N., *ibid.*

(14) P. ex. nos anúncios da Paixão, tanto dos Sinóticos: "É necessário que o Filho do Homem sofra muito..." (Mc 8,31 e prl), como em João: "É necessário que o Filho do Homem seja exaltado" (Jo 3,14).

(15) Cf. SCHNACKENBURG, R., op. cit. pp. 304-305.

(16) Cf. J. MATEOS—J. BARRETO, op. cit. p. 409.

(17) *Id.*, *ibid.*

(18) A propósito do termo "projeto", aplicado a Deus, surpreendeu-me a crítica decidida que faz Dom TERRA, J.E.M., ao seu uso extensivo na "Bíblia Sagrada — Edição Pastoral" (Ed. Paulinas, Sp. 1990), em recente estudo publicado com esse título na revista "Atualização" de BH, n.º 226 (julho-agosto, 1990), pp. 841-858, ver especialmente pp. 843-844. Costumo usar essa expressão, hoje tão comum — "projeto de Deus" — em minhas aulas, parecendo-me que ela traduz bem, p. ex., o conceito isaiano de "plano de Javé", ou o conceito de "vontade de Deus". É

claro que a crítica de Dom TERRA visa o que ele considera a ideologização desse conceito — cf. sua argumentação, cerrada, nas referidas pp. 843-844 — mas o conceito como tal me parece legítimo. De resto, o conjunto da severa recensão do Bispo-ezequiel, mesmo para quem reconhece os inegáveis valores desta "Bíblia Sagrada — Edição Pastoral", da qual fui um dos revisores exegéticos, não pode ser simplesmente ignorado, ou preconcebidamente taxado de reacionário.

(19) Versículo, porém, infelizmente mal transmitido, cujo sentido, nas traduções modernas, é conjectural. DI LELLA, A., p. ex., no seu grande comentário do Sirácida na "Anchor Bible" ("The Wisdom of Ben Sira", Doubleday, N. York, 1987), propõe uma tradução bem menos grandiloquente: "Contudo, eles são hábeis nos trabalhos deste mundo, e sua atenção se volta para o exercício da sua arte".

(20) *Cit.* em CHAMPLIN, R.N., op. cit., p. 425.

(21) Ver o interessante n.º 3 da "Revista Bíblica Brasileira", ano 7, 1990, todo dedicado à "Fonte dos discursos" ou "Quelle", cujo texto hipotético corrido, em Mt e em Lc paralelamente, é apresentado nas pp. 160-194 desse fascículo.

Endereço do autor:

Caixa Postal 5041 — ITESC  
88041 — FLORIANÓPOLIS

## A DIMENSÃO DO TRABALHO NO PROCESSO DA FORMAÇÃO PRESBITERAL

Pe. Dr. Vitor Galdino Feller

Professor de Teologia Dogmática e Reitor  
do Semin. Teol. da Arquid. de Fpolis

Muito já se tem discutido, oralmente, nos encontros de formadores e destes com os formandos, sobre este assunto. Mas pouco se tem escrito que possa trazer um pouco de luz para iluminar-nos no caminho de soluções mais concretas. O intuito deste artigo é tentar sistematizar a colocação do problema, nas suas implicações econômicas, políticas, teológicas e psicológicas, para analisá-las na perspectiva do que deveria favorecer uma sólida formação para o presbítero do futuro, inserido como deverá estar nas questões do mundo e do homem. O problema vai aparecer por fim como abertura para possíveis soluções, ainda que dentro dos esquemas tradicionais da formação que se dá em nossos seminários.

**1. O problema: quem não trabalha, não pode comer (2Ts 3,10)**

É claro que ninguém nega a importância do trabalho para uma sólida formação presbiteral. O problema está em como ele acontece ou pode acontecer. Atualmente, pelo que conheço da vida de nossos seminários, pelo menos dos de nosso Estado, de modo geral o trabalho é exercido de duas maneiras. Na maior parte dos seminários menores (e também nos maiores), o seminarista trabalha na limpeza interna da casa, nos cuidados externos dos jardins, campos, hortas, com o intuito de colaborar com a instituição do Seminário, tendo em vista evitar que a mesma tenha de arcar com gastos maiores. O seminarista se dispõe, quando assume livremente o programa imposto pela disciplina da casa, a dar a sua parte, trabalhando gratuitamente, certo de que seu trabalho está cobrindo uma parte considerável dos gastos que a casa-instituição tem com ele.

---

**Salienta-se o sentido gratuito e comunitário do trabalho**

---

Há vantagens e desvantagens nesse modo de trabalhar. Como vantagem, coloca-se a disponibilidade para o serviço, para sentir o que é da instituição (seminário ou diocese, enfim, a Igreja) como algo seu, para acolher o dom de uma casa que lhe é oferecida como sua e da qual é também responsável. Salienta-se o sentido gratuito e comunitário do trabalho. Mas há também consideráveis desvantagens. O seminarista não vê concretamente o fruto do seu trabalho, não o vê como remunerado. A remuneração tem de passar sempre pelo funil da espiritualidade, é indireta, e por isso difícil de ser percebida. Fica sempre a sensação de estar trabalhando de graça e ainda por cima de modo forçado, embaixo de uma disciplina. Nem sempre fica claro também o sentido de ter em comum, portanto também como seu, o que é da instituição. No fundo mesmo, nada é dele. Ele está aí por alguns anos, depois vai-se embora, e o que leva é estudo e espiritualidade. Dinheiro mesmo e bens materiais não farão parte de sua herança. Já considerada a vantagem da gratuidade e do desprendimento, o fato de não ser remunerado concretamente dará sempre a impressão de um trabalho alheio à maneira como no mundo de hoje se estabelecem as relações de trabalho. Seu trabalho é feito à maneira de gueto, relativamente paradisíaco, num mundo de relações muitas vezes infernais. Ele não sofre as prepotências do patrão, certamente espiritualizadas pela bondade do formador e pelo sacrifício em favor da instituição. Ele não sofre o furor da disciplina, do horário, dos transportes. Não o amedronta a possibilidade do desemprego, a insegurança do futuro. Ele já tem tudo. A instituição lhe garante tudo. Até mesmo se ele não trabalha, ou mata o serviço, com as fugas típicas da idade adolescente. Ele trabalha como se não trabalhasse, como que dedicando-se a um esporte, um hobby, um descanso até, em meio às tarefas do estudo.

Por sua vez, o estudo lhe é apresentado como seu verdadeiro trabalho. Oxalá todo formando assim o entendesse e vivesse. O estudo é de fato seu primeiro trabalho. Ele deve preparar-se